

**O feminicídio e o ciclo de violências anteriores:  
uma análise da cobertura jornalística do caso Wellen Kássia Cardoso<sup>1</sup>**

Ana THOMMEN<sup>2</sup>

Nicoli TASSIS<sup>3</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

## RESUMO

Casos de feminicídio acontecem diariamente no Brasil e são cotidianamente noticiados nos veículos de comunicação. Um dos casos emblemáticos da cobertura jornalística no Triângulo Mineiro durante os anos de 2020 a 2023 foi o de Wellen Kássia Cardoso de Melo, morta pelo então marido na presença do filho mais novo. Tal narrativa seriada - reverberada local, regional e estadualmente - reúne vários elementos comuns em casos de feminicídio, em que a morte é antecedida por outras agressões físicas, emocionais e simbólicas. Neste trabalho, analisamos o feminicídio enquanto processo, em que uma série de violências demarcam simbolicamente um duplo lugar de predição e naturalização da morte. Como tantas outras vítimas, Wellen viveu um relacionamento abusivo com Diego Pireth, caracterizado no âmbito deste trabalho como uma catástrofe cotidiana, pelos ciclos de violência doméstica vivenciados, que incluem desde ameaças verbais e físicas, até um sequestro em 2020 juntamente com o filho, culminando no seu assassinato em julho de 2022. Assim, a partir das 16 notícias publicadas no Diário de Uberlândia (local), G1 Triângulo Mineiro (regional) e Estado de Minas (estadual), interessa-nos observar como o jornalismo tem contado essas histórias e que fragilidades e potências de transformação podem emergir de tais narrativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** feminicídio, violência contra a mulher, narrativa, diversidade, visibilidade

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta discussões da pesquisa de iniciação científica “Como as múltiplas identidades das mulheres se materializam nas narrativas jornalísticas sobre feminicídio?”. Sendo um estudo desenvolvido entre maio de 2023 e março de 2024, no curso de Jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), atrelado ao projeto de pesquisa de “Catástrofes cotidianas: explorações analíticas das articulações entre

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho (Comunicação, marcas e diversidade), evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

<sup>2</sup> Estudante do 6º período do Curso de Jornalismo da FACED/UFU e membro do Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade., e-mail: ana.thommen@ufu.br

<sup>3</sup> Professora orientadora. Professora do curso de Jornalismo da FACED/UFU, do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGELIT / ILEEL) e do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE / FACED). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade (Narra). e-mail: nicolitassis@gmail.com

temporalidades, acontecimentos e textualidades” (CNPq Pró-Humanidades 2022) e ao Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade (NARRA / UFU).

Instigadas por outras pesquisas afins, como a realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2015, que apresentou a análise de como os casos de feminicídio eram noticiados no estado, fomos confrontadas com o apontamento de que é priorizada a quantidade de notícias em relação à qualidade delas, propriamente. De acordo com o estudo, a cobertura jornalística, majoritariamente, se ofertava enquanto réplicas de boletins de ocorrência da polícia e raramente agregava informações úteis para mulheres que, ao lerem as notícias, pudessem se identificar com os ciclos da violência, fazendo por si mesmas uma reflexão a respeito dessa problemática.

Então, passamos a fazer o levantamento de como tais narrativas têm sido construídas em nosso estado (Minas Gerais). A partir de uma varredura mais ampla, este trabalho se debruça em um caso particular, que nos apresenta elementos tidos como emblemáticos para a compreensão do tema proposto. Buscamos, no horizonte, observar modos de humanização dos relatos e formas de fomentar o debate em torno de políticas públicas que visem erradicar o feminicídio, reivindicando o jornalismo enquanto campo de saber e poder fundamental para a discussão das principais questões da sociedade contemporânea.

## **METODOLOGIA**

Para análise da cobertura jornalística do caso de Wellen, foram analisados de forma quantitativa e qualitativa os materiais pesquisados. Inicialmente, fizemos uma pesquisa quantitativa em relação a notícias de caso de feminicídio em três veículos: **Diário de Uberlândia, G1 Triângulo e Estado de Minas**. Os veículos foram escolhidos tendo em vista suas abrangências, sendo o Diário de Uberlândia um veículo local e que apresenta mais notícias relacionadas aos bairros da cidade; enquanto o G1 Triângulo é um veículo com abrangência regional, sendo o maior do Triângulo Mineiro, alcançando também outras cidades do entorno; e o Estado de Minas tem alcance estadual, por isso, seu público é geograficamente mais disperso, sendo que as notícias não são tão específicas para o leitor uberlandense propriamente.

Na pesquisa, foram usadas palavras-chave como **Feminicídio, Morte de Mulheres, Assassinato de Mulheres e Violência contra a Mulher** para levantar casos em 2023. Nessa pesquisa, encontramos o desdobramento do caso de Wellen e em pesquisas mais detalhadas, chegamos ao início de sua trajetória de violência, em 2020. Por se tratar de um caso emblemático com marcadores comuns em casos de feminicídio, como a presença de um relacionamento abusivo, violência anterior ao assassinato, presença de filhos e crianças e afastamento familiar, o caso foi escolhido para análise principal.

Na análise, foi utilizado como elemento tensionador o **Manual do Jornalismo Humanizado da Agência Think Olga**. Trata-se de um material digital disponibilizado pela agência que tem como objetivo fomentar uma narrativa mais humanizada nas coberturas jornalísticas de casos de violência contra a mulher. Nesse manual, percebe-se pontos essenciais para uma construção jornalística de uma narrativa que não perpetue violências. Uma de suas premissas é que os veículos de comunicação, como formadores de opinião da sociedade, tenham cuidado ao divulgar notícias de feminicídio, preservando a dignidade das vítimas e familiares e se posicionem no enfrentamento dos constrangimentos e subjugações sociais que colocam as mulheres em uma condição de vulnerabilidade, inclusive no próprio lar.

Ao todo, foram levantadas 16 notícias, dos três veículos. A divisão entre eles não é igualitária, sendo que duas notícias foram lançadas no Estado de Minas em contraposição às oito notícias no Diário de Uberlândia, incluindo três sobre o sequestro de Wellen, que antecedeu sua morte. O Diário de Uberlândia foi o único veículo dos analisados que reportou o sequestro que antecedeu a morte da vítima; os outros apenas trouxeram à tona o caso de Wellen com seu assassinato.

## **DISCUSSÃO**

O caso de Wellen se mostra emblemático para pensar pontos cruciais de violência contra a mulher que são marcações anteriores ao feminicídio. Sua morte não foi o primeiro caso de violência de Diego contra ela. Antes do feminicídio, Wellen viveu um relacionamento abusivo com seu ex-marido, em que sofreu violência

doméstica, foi sequestrada e por fim, assassinada. **O ciclo da violência contra a mulher está intrinsecamente marcado em sua história.**

Segundo a psicóloga Lenore Walker (WALKER, 1979), o “Ciclo da Violência” é utilizado para identificar padrões abusivos em relacionamentos amorosos. O ciclo é composto por três fases, que normalmente se repetem em um ciclo infinito durante os relacionamentos. A primeira fase do ciclo é chamada pela psicóloga de “aumento da tensão”, momento em que o agressor demonstra irritação com assuntos banais e com pequenos detalhes, tem acessos de raiva constantes e começa a fazer ameaças à companheira. Nessa fase, é comum que a vítima não aceite o que está acontecendo e negue o comportamento do agressor - afinal, ele não era assim antes.

Na segunda fase, chamada de “ataque violento”, é quando a agressão física ou psicológica acontece de fato. É quando o agressor “perde a cabeça” e materializa toda a tensão encontrada na primeira fase. Depois dessa fase, a “lua de mel” comumente acontece, que é quando o agressor se arrepende de ter cometido a violência e tenta se redimir com a vítima. No caso de Wellen, percebe-se que ela já estava inserida em um relacionamento abusivo, e com o passar do tempo, as tensões foram apenas aumentando e os momentos de “ataques violentos” apenas cresceram.

Em 2020, quando já não estavam mais juntos, Diego não aceitou a separação e decidiu sequestrar Wellen e o filho. Na época, o sequestro aconteceu na casa da mãe da vítima e eles foram levados até uma chácara na Zona Rural de Uberlândia. Depois de 30 horas em cárcere, a polícia os resgatou. O sequestro foi noticiado apenas no “Diário de Uberlândia” por se tratar de um veículo local, sendo feitas duas notícias sobre o assunto, [“Homem que sequestrou ex-mulher e filho é indiciado pela Polícia Civil”](#) (DIÁRIO DE UBERLÂNDIA, 2020, Bruna Merlin)

O termo feminicídio foi definido pelos pesquisadores Russel e Radford (1992) como uma expressão para designar os assassinatos de mulheres que teriam sido provocados pelo fato de serem mulheres. Tal definição se encontra no artigo “Feminicídios” e as mortes de mulheres no Brasil” de Wânia Pasinato (1995); artigo que discorre sobre as mudanças na definição do termo feminicídio ao longo dos anos e as questões envolvendo essa terminologia.

De acordo com o artigo “a morte de uma mulher é considerada como a forma mais extrema de um continuum de atos de violência”, tendo em vista o ciclo da

violência citado anteriormente, que elucida o fato das mortes não acontecem de forma isolada na vida das vítimas, principalmente quando os agressores já mantinham uma relação com elas.

No caso de Wellen, sua visibilidade na mídia foi notória na região, tendo em vista que ela foi morta na frente do filho - um elemento que mexe com o conceito de maternidade instaurado na sociedade e a brutalidade de sua morte. No entanto, anteriormente quando ela foi sequestrada, não havia visibilidade ou notícias em veículos fora de Uberlândia - e mesmo os regionais, não publicaram sobre seu sequestro. Apenas após sua morte, seu caso foi visto e considerado um alerta de atenção.

Na cobertura jornalística feita pelo g1, o primeiro título envolvendo a morte de Wellen é “Mulher é morta pelo marido em MG; vídeo mostra assassino deixando o local do crime com o filho”. Já o Estadão, mesmo não tendo noticiado o sequestro de Wellen, apostou no título “Dois anos após sequestrar esposa, homem mata a mulher na frente do filho”. Por último, o Diário de Uberlândia apostou no título “Mulher é esfaqueada e morta pelo companheiro na frente do filho em Uberlândia; vídeo mostra fuga do autor”. Os veículos apostam no uso do vídeo das câmeras de segurança, mostrando o momento em que Diego foge com o filho.

Nas notícias que sucedem a primeira, os veículos escolheram fotos em que Wellen e Diego aparecem como um casal feliz, sorrindo um ao lado do outro e próximos. A escolha de fotos das redes sociais em que a vítima e o agressor estão lado a lado, de forma descontraída, pode dar espaço para o argumento de que a morte de mulheres, como o caso de Wellen, seja considerada um “crime passional”.

Entretanto, mesmo com as dificuldades acerca da produção do fazer jornalístico em grandes veículos, percebe-se pontos essenciais para a construção de uma notícia que não seja violenta para as vítimas. De acordo com o Manual de Jornalismo Humanizado do Think Olga, é essencial que os veículos de comunicação, como formadores de opinião da sociedade, tenham cuidado ao divulgar notícias de feminicídio.

Alguns dos pontos levantados no Manual para a cobertura jornalística são: a não romantização do agressor, o não julgamento das vítimas por seu comportamento antes e após o crime e chamar o crime pelo seu nome, ou seja, nomear as mortes violentas de mulheres como feminicídio.

## CONSIDERAÇÕES

Ao analisar as notícias veiculadas na época do caso de Wellen, percebemos que os pontos apresentados como essenciais para o Manual do Think Olga e outras questões, como a preservação da imagem da vítima e sua humanização, são deixados de lado em boa parte da cobertura. Em trechos como o da primeira notícia do Estado de Minas, como: “preso, homem disse estar enciumado” e “O crime teria sido motivado por ciúmes” em conjunto com as fotos escolhidas, podem ser interpretados de forma violenta com o histórico de Wellen, justificando um crime hediondo como algo meramente circunstancial, motivado por um momento de ciúmes.

Outro ponto a ser destacado é o uso da imagem do filho de Wellen e Diego nas primeiras notícias apresentadas no caso. Além de imagens do casal reunidos em poses aparentemente felizes e distraídas, passando a ideia de que eles eram um casal com amor e companheirismo, que dá força para o argumento de crime passionai, comum em julgamentos de casos de feminicídio.

## REFERÊNCIAS

Mulher é esfaqueada e morta pelo companheiro na frente do filho em Uberlândia; vídeo mostra fuga do autor. *Diário de Uberlândia*, [13/07/2022]. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/31664/mulher-e-esfaqueada-e-morta-pelo-companheiro-na-frente-do-filho-em-uberlandia-video-mostra-fuga-do-autor>

Dois anos após sequestrar esposa, homem mata a mulher na frente do filho. *Estado de Minas*, [13/07/2022]. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/07/13/interna\\_gerais,1379897/dois-anos-apos-sequestrar-esposa-homem-mata-a-mulher-na-frente-do-filho.shtml#google\\_vignette](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/07/13/interna_gerais,1379897/dois-anos-apos-sequestrar-esposa-homem-mata-a-mulher-na-frente-do-filho.shtml#google_vignette)

Think Olga. *Manual do Jornalismo Humanizado*. Disponível em: [https://thinkolga.com/wp-content/uploads/2020/04/ThinkOlga\\_Minimanual\\_Parte\\_I\\_Violencia\\_Contra\\_Mulher.pdf](https://thinkolga.com/wp-content/uploads/2020/04/ThinkOlga_Minimanual_Parte_I_Violencia_Contra_Mulher.pdf)

Walker, Lenore. *The battered woman*. New York: Harper and How, 1979.

Leal, Bruno. *Catástrofes cotidianas: explorações analíticas das articulações entre textualidades, acontecimentos e temporalidades*

Scott, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. 1995